

12.

## MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE FERREIRA



Avenida do Mosteiro  
de Ferreira, Ferreira  
Paços de Ferreira



41° 15' 53.38" N  
8° 20' 37.66" O



918 116 488



Qua. 20h  
Dom. 10h30



São Pedro  
29 junho



Monumento Nacional  
1928



P. 25



P. 25



Sim

A Igreja do Mosteiro de São Pedro de Ferreira é um edifício muito singular e de grande qualidade construtiva que convida a uma estimulante visita. Esta Igreja é um dos mais cuidados monumentos do românico português. A fundação do Mosteiro tem origens ainda não completamente esclarecidas, embora seja anterior a 1182, data em que a Igreja é explicitamente referida e em que a construção do templo - que hoje se conserva - terá então começado. Contudo, a sua origem será muito anterior, devendo recuar ao século X, como aparenta a referência que lhe é feita no testamento de Mumadona Dias, data-do de 959. Desta época nada resta da Igreja. Os elementos remanescentes mais antigos são identificáveis com uma primeira igreja românica que terá sido construída entre finais do século XI e os inícios do século XII. No século XIII, entre 1258 e 1293, o Mosteiro é integrado na ordem dos cónegos regrantes. No século XV, com a extinção daquela ordem, passou, com o couro e propriedades adjacentes, a fazer parte da Câmara do Bispo do Porto. Composta por uma nave, coberta de madeira, a Igreja do Mosteiro de Ferreira tem uma cabeceira abobadada

que se organiza em dois tramos, sendo o primeiro mais largo e mais alto, adotando uma solução muito própria do românico do Alto Minho, cujas influências se reportam à arquitetura própria da região integrada na diocese de Tui (Espanha).

Internamente, a cabeceira de Ferreira é poligonal, embora seja semicircular pelo lado exterior. Com dois níveis, o primeiro de arcadas cegas, duas das quais em mitra, e o segundo com alçado em arcadas que alternam com frestas, a sua capela-mor é relativamente alta e mais ainda o é o corpo da nave, oferecendo uma espacialidade bem protogótica. O arco toral da cabeceira apoia-se em pilastras salientes adornadas por escócias, numa solução inusual no românico português.

No arco cruzeiro há capitéis semelhantes aos das Igrejas de Fervença (Celorico de Basto) (p. 248), de Valdreu (Vila Verde) ou de Ermelo (Arcos de Valdevez), derivados dos modelos do Alto Minho, embora de tratamento menos volumoso.

A fachada principal apresenta o portal inserido em corpo pentagonal, solução comum às Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42) e de Airães (p. 47), situadas no concelho de Felgueiras.

O amplo portal ocidental, com quatro colunas de cada lado, duas das quais prismáticas, está muito bem desenhado, mostrando um tratamento decorativo de acentuado valor. A sua ornamentação é feita por um recorte toreado no extradorso das arcadas que é acentuado por um largo furo.



Esta decoração, que tem sido comparada com a da Porta do Bispo da catedral de Zamora (Espanha), mostra acentuadas diferenças com aquele exemplar. O padrão decorativo do portal de Ferreira não provém daí, estando muito mais próximo da igreja de São Martinho de Salamanca (Espanha) e, mais ainda, das soluções decorativas das arcadas próprias da arte almóada de Sevilha (Espanha), da segunda metade do século XII.

Ainda neste portal há semelhanças com modelos originários da sé de Braga. Esta sé e a igreja do antigo mosteiro beneditino de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) correspondem a estaleiros românicos onde se caldearam, e a partir dos quais se difundiram, modelos formais e temáticos que chegaram a várias igrejas da região de Braga e Guimarães, das bacias do Ave e do Sousa.

É de assinalar a qualidade da escultura dos capitéis dos portais laterais, uns com laçarias e animais e outros com decoração vegetal, que se assemelham aos motivos utilizados em Pombeiro (p. 30) e em Unhão, em Felgueiras.

Da conjugação destes elementos é possível concluir que esta Igreja, cuja construção decorreu entre o início e os meados do século XIII, adota simultaneamente modelos da arquitetura regional do seu tempo, do românico do Alto Minho, da Andaluzia e mesmo de Castela (Espanha).

A unidade arquitetónica e o rigor plástico desta obra mostram que o templo deve ter sido edificado rapidamente, beneficiando de condições técnicas, materiais e financeiras de exceção no panorama da obra românica em Portugal, considerando que a construção da Igreja foi realizada entre 1180 e 1195.





Na Igreja do Mosteiro de Ferreira é perceptível a presença de três mestres: um proveniente da região de Zamora, outro de Coimbra e ainda outro com experiência adquirida nos estaleiros do Vale de Sousa. As semelhanças com a Porta do Bispo da catedral de Zamora são evidentes, apesar de algumas diferenças no número de ressaltos, na decoração das jambas e no recorte dos favos, que naquela cidade espanhola são cordiformes enquanto em Ferreira são circulares.

Os portais de outras igrejas zamoranas - São Tomé, Santa Maria da Horta, Santo Ildefonso, Santiago do Burgo e São Leonardo - apresentam favos circulares tal como acontece em Ferreira. Este mestre, ou os artistas que com ele trabalharam, demonstra igualmente rigorosos conhecimentos da escultura da catedral de Santiago de Compostela (Espanha), anterior à obra de Mestre Mateus. Considera-se que os capitéis do portal ocidental são de rigoroso desenho compostelano.

A conceção da cabeceira dever-se-á igualmente ao mestre proveniente de Leão (Espanha), contando embora com a colaboração de artistas oriundos de Coimbra. O andar superior do alçado interno encontra paralelos tanto na sé de Coimbra, como na colegiada de São Tiago, da mesma cidade. No último quartel do século XII, Mestre Soeiro Anes - que colaborara com Mestre Roberto na catedral conimbricense - assim como vários artistas que trabalharam no estaleiro da catedral de Coimbra ter-se-ão deslocado para o Porto.

A nave é um elemento que deve ser realçado dada a sua invulgar altura. Foi por essa razão que recebeu contrafortes no exterior e colunas adossadas no interior, que ajudam à sua sustentação.

As fachadas laterais são rematadas por uma cornija formada por pequenos arcos assentes em mísulas, solução que vemos igualmente nos Mosteiros de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90) e de Roriz (Santo Tirso), entre outros exemplares.

Fronteira à fachada principal, esta Igreja conserva a ruína de uma galilé ou nártex de função funerária, excelente e raro testemunho deste tipo de construções, que muitas igrejas românicas apresentavam. Este elemento corresponde a um espaço reservado a enterramentos e a rituais fúnebres de que restaram exemplares nas igrejas de Serzedelo (Guimarães), Vilarinho (Santo Tirso) e Friestas (Valença) - demolida aquando do restauro de 1935 - bem como algumas parcelas no Mosteiro de Freixo de Baixo (Amarante) (p. 224). Também a igreja de São Martinho de Cedofeita (Porto), a julgar pela documentação, possuía uma construção semelhante, que no caso do Mosteiro de Pombeiro tomaria uma dimensão mais monumentalizada.

No Mosteiro de Paço de Sousa esta edificação situava-se lateralmente à Igreja, tal como aconteceria em Roriz e como exemplifica ainda hoje, a capela lateral da igreja de Ansiães (Carrazeda de Ansiães). A proibição dos sepultamentos dentro das igrejas durante largo tempo terá levado a estas soluções. Através de doações às comunidades monásticas, a nobreza escolhia as galilés como espaço de tumulação, assegurando a garantia de cumprimento das disposições testamentárias, por parte da comunidade monástica, como meio de alcançar a salvação. No entanto, apesar da sua função primacial ser funerária, as galilés eram também utilizadas para abrigo, sessões de julgamento e outros atos jurídicos.





Dos túmulos de Ferreira apenas restaram duas peças funerárias: um sarcófago trapezoidal e a tampa de sepultura, com estátua jacente, do túmulo de D. João Vazques da Granja, atualmente exposta no Museu Municipal de Paços de Ferreira (p. 256). De todo o conjunto monástico de Ferreira subsiste unicamente a Igreja, já que os aposentos monásticos desapareceram ou sofreram profundas alterações. No que concerne ao seu restauro, o princípio orientador traçado pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

encontra-se documentado no *Boletim* n.º 7, publicado em setembro de 1937.

Antes das obras de restauro terem início, a Igreja do Mosteiro de Ferreira encontrava-se mascarada por febres estéticas produzidas na Época Moderna. Como exemplo é de referir o coro alto, considerado então como um elemento ocultador da soberba austeridade do templo. O coro ocupava uma quarta parte da nave partindo da fachada principal, tendo sido construído entre os séculos XVII e XVIII.

## SINGULARIDADE ORNAMENTAL

O que faz da Igreja do Mosteiro de Ferreira uma obra singular, para além da excelência da sua arquitetura, é o facto de se conjugarem, em harmonia e em partes comuns da Igreja, desenhos arquitetónicos e motivos ornamentais oriundos de diversas regiões e oficinas: Zamora-Compostela (Espanha), Coimbra-Porto e Braga-Unhão.



### A NÃO PERDER

- 3,9 km: Museu Municipal - Museu do Móvel (p. 256)
- 8,5 km: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (p. 257)
- 11,1 km: Citânia de Sanfins (p. 257)